

"DE REPENTE OUVI OS GRITOS.": AUTORITARISMO, MEMÓRIA E TESTEMUNHO EM "RECORDAÇÕES DO CASARÃO", DE BERNARDO KUCINSKI

"SUDDENLY I HEARD THE SCREAMS.": AUTHORITARIANISM, MEMORY AND TESTIMONY IN "RECORDAÇÕES DO CASARÃO", BY BERNARDO KUCINSKI

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n2p335-347

Bruno Rodrigues Soares dos Santos¹

Resumo: Durante a década que vai de 1960 a 1980 o Brasil sofreu abusos com o autoritarismo e as duras regras do regime militar brasileiro, responsável por deixar grandes cicatrizes que permeiam as vítimas até os dias de hoje, e que surge na literatura, como uma crítica a censura e a repressão instaurada naquele período. O presente trabalho teve como objetivo geral uma análise do conto "*Recordações do Casarão*", de Bernardo Kucinski, que traz em sua estrutura narrativa a memória e os traumas de alguns personagens acerca da ditadura militar. A utilização de uma linguagem subjetiva, a escolha de um tema descrito e exposto subliminarmente, ainda que não choque o leitor em uma primeira leitura considerada na época menos "engajada politicamente" do que narrativas que optem por uma visão mais realistas da violência do Estado, esta obra, possui um efeito surpreendente. Trata-se de uma abordagem que tenta explicitar eventos ocorridos na época. É fato que este momento dentro da história nacional, trouxe consigo diversos sentimentos e críticas sociais e é por isso que este tema se justifica.

Palavras-chave: autoritarismo; ditadura; trauma; literatura de testemunho.

Abstract: During the decade from 1960 to 1980, Brazil suffered abuse with authoritarianism and the harsh rules of the Brazilian military regime, responsible for the great scars that permeate the victims until today, and that appears in the literature as a criticism of censorship and repression established in that period. The present work had as general objective an analysis of the short story "*Memories of the big house*", by Bernardo Kucinski, which brings in its narrative structure the memory and the traumas of some characters about the military dictatorship. The use of a subjective language, the choice of a theme described and exposed subliminally, although it does not shock the reader in a first reading considered at the time less "politically engaged" than narratives that opt for a more realistic view of State violence, in this work, has a surprising effect. It is an approach that tries to explain events that occurred at the time. It is a fact that this moment within the national history, brought with its various feelings and social criticism and that is why this theme is justified.

Keywords: authoritarianism; dictatorship; trauma; testimonial literature.

Introdução

¹ Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: stsburno@gmail.com

Durante anos, vários pesquisadores buscaram explicitar que o autoritarismo brasileiro não é produto de um ou outro personagem ou de uma ou outra instituição social, e que é fácil perceber que sua existência no Brasil pode gerar muitas análises e controvérsias a respeito de seu sentido e alcance. Infelizmente, é possível perceber também um padrão recorrente e mais profundo da sociedade ou da cultura brasileiras com características de natureza autoritárias e incapazes de adoção de uma concepção política institucional democrática e estável.

O Brasil possui uma dinâmica histórica própria e independente, que só pode ser entendida se houver o exame da história da formação do Estado brasileiro. Esta assertiva torna-se incompreensível dentro de uma visão que tende a interpretar tudo o que ocorre em uma sociedade em termos de sua divisão de classes, mas torna-se perfeitamente mais inteligível sob uma perspectiva segundo a qual se pode perceber o Estado como resultante de uma formação histórica específica, com seus próprios interesses e que desenvolve um sem-número de arranjos e alianças com diferentes setores da sociedade, para diversos fins.

É nesta perspectiva que se realiza a abordagem das Instituições e do Estado brasileiro, pois os mesmos têm como característica histórica predominante sua dimensão patrimonial, que é uma forma de dominação política gerada no processo de transição para a modernidade com um passivo de uma burocracia administrativa personalizada e comprometida com interesses privados diante de uma sociedade civil pouco articulada em relação ao exercício de sua cidadania. Pode-se perceber uma ética paradoxal onde há uma negociação entre iguais, mas a igualdade não é extensível a todos, pois na tradição brasileira, todas as questões - religiosas, econômicas, educacionais - passam sempre pelo crivo do poder público e pelas pessoas que assumem temporariamente o poder.

O estamento burocrático brasileiro é extremamente aberto posto que admite e aceita com facilidade intelectuais, empresários, líderes religiosos e dirigentes sindicais desde que se adaptem a ideologia reinante. Uma vez institucionalizado o estamento, o mesmo assume, muitas vezes, características corporativistas, que consiste na tentativa de organizar os grupos funcionais e de interesse em instituições supervisionadas e controladas pelo Estado.

Ao discutir a estética da dor e da violência, Seligmann-Silva (2015, p. 97) defende que “a esta altura da história e da reflexão estética não podemos considerar uma aporia intransponível a relação estabelecida entre as artes, o prazer e a denúncia e a memória da dor e do mal”. No entanto, o pesquisador evidencia que existe um limite “entre a espetacularização da dor (que ocorre na indústria cultural a toda hora e nas obras de arte que apenas mimetizam a violência) e a sua apresentação crítica”. É com base nessa perspectiva sob o autoritarismo brasileiro que

esta pesquisa se justifica. Com base nas premissas que envolvem o autoritarismo e a ditadura militar brasileira, busca-se uma análise do conto “Recordações do Casarão”, de Bernardo Kucinski, lançado em 2014, que traz à tona toda a bagagem histórica e traumática que engloba o regime civil-militar brasileiro.

Você vai voltar pra mim e outros contos (2014), de Bernardo Kucinski, possui vinte e oito histórias, não lineares, que compunham um acervo de contos do autor que foram escritos entre 2010 e 2013, e que possuem em sua maioria, memórias e testemunhos de pessoas que vivenciaram a ditadura civil-militar. Segundo o autor, o lançamento dos contos se deu pela necessidade de expor os recortes temáticos e temporais daquele período, pois segundo o autor: “o clima de opressão reinante no nosso país nas décadas de 1960 e 1970 e suas sequelas” (KUCINSKI, 2014, p. 9). A pesquisa, portanto, busca conto “Recordações do casarão”, levando em consideração o período tratado na narrativa e o contexto histórico social que permeia a época em questão, tendo como objetivo geral, a narração das experiências traumáticas das personagens – oriundas do contexto ditatorial – no plano da linguagem literária.

1 Autoritarismo presente em “Recordações do Casarão”

A formação da tradição autoritária brasileira predominou o pensamento que partia da premissa da história da nação em uma perspectiva de sucessivas correções de erros e reajustamento de situações desarmoniosas, visando ainda mais a forma como a sociedade se estrutura, principalmente em relação ao seu organismo político e às condições traçadas pela inexorável “pressão da realidade”. (AMARAL, 2018, p. 6).

Traço característico do pensamento autoritário da tradição cultural brasileira está quase sempre na apresentação de um “projeto político”. É evidente que não foram os pensadores que fundamentaram ideologicamente o Estado Novo que inventaram a metodologia de desenvolvimento e forma de apresentação do famoso “projeto político” mas, para o atual momento da história brasileira é tal dado histórico que se fez mais marcante, para os dias atuais, a técnica de massificação de uma certa e determinada ideologia no sentido de “ressaltar a necessidade de adaptação das instituições ao curso histórico”, ou seja, “o processo de adaptação a que seja necessariamente longo e penoso voltado a atingir um estado relativamente satisfatório de equilíbrio entre as instituições políticas; a organização social e econômica, de um lado, e as injunções imperiosas de condições que não podem ser modificadas, de outro.” (AMARAL, 2018, p.7).

Com tais premissas é que se construiu o conceito de corporativismo frequentemente usado durante o Estado Novo e traço marcante no estilo autoritário brasileiro. Com o corporativismo de então se busca enfraquecer o liberalismo assim como busca-se a aproximação, mas sem identificação ou confusão com outra vertente autoritária, o comunismo tendo em vista a concepção da ideia de Estado econômico autoritário para solucionar o problema da decadência político–econômica na conjuntura brasileira.

Entende-se o corporativismo, “em especial no Brasil, como uma forma exclusiva de produção de controles sobre o privado, obscurecendo aspectos como o da abertura do espaço público à participação e o do caráter sempre assimétrico desses arranjos, onde o Estado tem papel-chave.” (DE CASTRO GOMES, 2007, p. 113). Apesar do caráter autoritário, ressalta-se a preservação da livre iniciativa; mantém-se inicialmente uma alegada e relativa liberdade de expressão e se reconhece a autonomia formal da sociedade frente ao Estado; buscando-se a conscientização das massas mediante a “reforma pedagógica ou cultural”; enfatiza a denúncia do fracasso do liberalismo econômico ao mesmo tempo em que faz-se uma apresentação do corporativismo como verdadeiro antídoto do bolchevismo e capaz de apresentar uma concepção de Estado corporativo que atendesse às peculiaridades brasileiras.

Pode-se perceber ainda que as instituições sociais assim como o padrão da obtenção do Poder se dão com políticas onde são adotados discursos igualitários e democráticos, mas, paradoxalmente também com discursos oficiais e práticas autoritárias que admitem a desigualdade dentro de uma democracia.

Devido à necessidade de expressar sua revolta ao regime militar, surgiu uma literatura crítica e questionadora, como ferramenta de protesto, já que, através do literário, muitas coisas que não podiam ser ditas abertamente, ganhavam força dentro de um mundo ficcional e metafórico. Foram muitos os autores e suas obras, nos diferentes campos da literatura, como o romance, os textos jornalísticos, o conto, a prosa e a poesia, porém neste trabalho nos aprofundaremos na poética, tão bem utilizada como forma de denúncia, expressão de revolta à censura, ao governo e às torturas cometidas por ele. Sobre essa necessidade dos artistas em mostrar a sua indignação, Tânia Pellegrini acrescenta:

[...] a “travessia” da ficção brasileira do período analisado passa a se fazer cada vez mais ancorada em recursos linguísticos, em experimentalismos formais, em metáforas, símbolos, alusões, alegorias, pois mesmo com a literatura ocupando um lugar privilegiado diante da censura, devido ao seu limitado alcance de público, não pode absolutamente escapar impune ao clima obscurantista que se estabelecera, nem fugir da influência das aceleradas transformações pelas quais passava o país. (PELLEGRINI, 1996, p. 23)

Uma das ferramentas dos escritores da época eram os contos, poesias e a literatura por si. Com a literatura havia a possibilidade de tornar a denúncia indireta e disfarçada, pois neste tipo de produção alegórica incluíam-se os “textos que se filiam ao realismo dito mágico e que, através de um discurso metafórico e de lógica onírica, pretendem, crítica e mascaradamente, dramatizar situações passíveis de censura” (SANTIAGO, 2012, p. 53). Também com a escrita vaga e repetitiva da poesia, era possível alcançar um maior impacto entre os leitores, pois “[...] quanto mais minuciosas e emocionais as descrições, mais o assunto e a sensação que se buscava produzir parecem escapar” (SÜSSEKIND, 2015, p. 52).

Neste tipo de literatura a temática social é uma constante evolução, porém, muda conforme o contexto social de cada período, durante a Ditadura Militar ela foi usada como meio de criticar o governo autoritário, a censura e os problemas políticos e econômicos do país. Em sua obra *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, Eurídice Figueiredo (2009, p. 33), fala sobre a necessidade desta nova forma de representação da sociedade:

Trata-se de uma espécie de orientação: desejos individuais negados, desejos coletivos satisfeitos. É isso que proporciona a harmonia e a paz nas utopias, o homem deixa de ser o lobo do homem para ser cordeiro de si mesmo. Todos vivem em aparente calma e paz, ainda que contrariando suas vontades e caprichos.

A literatura une a linguagem poética com a fala dos oprimidos, dos marginalizados e daqueles dominados por um sistema ditatorial em constante busca por lucro, poder e exploração. Entre seus principais autores podemos citar do dito “anos de chumbo”, podemos citar: Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar.

Em “Recordações do casarão”, Kucinski, optou por uma narrativa que fugia do convencionalismo literário da época. Apesar de evidenciar histórias de alguns personagens, tem como pilar principal focar na realidade do regime militar através de experiências vividas. Nota-se que o autor se preocupou em não nomear as partes envolvidas, aparentemente para que não houvesse retaliação sobre eles. Sobre uma outra perspectiva fica claro que a narrativa testemunhal serve para dar veracidade aos fatos. No caso das condutas da ditadura, que em muitos casos feriam o direito humano, ela foi bastante para desmentir notas oficiais de militares.

O conto narrado em terceira pessoa, traz em seu enredo narrativo uma série de lembranças contadas por dois amigos e companheiros na luta contra o regime militar brasileiro, que se encontram após o processo de restauração da democracia e do estado de direito. Bernardo Kucinski mergulha no inconsciente e na vulnerabilidade emocional, tanto das personagens como do próprio leitor, fruto dos duros momentos provocados pela ditadura civil-militar, e traz à tona os fantasmas e os traumas que muitas pessoas ainda carregam consigo.

A narrativa de Kucinski se aproxima de outras obras do mesmo período quando se trata de espaço e tempo, isso porque em “Recordações do Casarão” essas características não são evidenciadas pelo autor, ou seja, o espaço e tempo da narrativa não são trabalhadas de maneira explícita. Em certa medida, é necessário que o leitor se atente a interpretação dos rastros deixado pelo autor, para que assim se possa fazer uma ligação direta a reelaboração das memórias. Ainda em relação ao tempo e espaço, o título diz muito sobre o que podemos esperar em relação a isso, “o casarão” nos leva um espaço, onde boa parte da narrativa ocorre, enquanto que “as recordações” nos fazer perceber que o espaço narrado é apenas uma parte de algo ainda maior, isso porque as personagens estão em trânsito constante, indo de um lugar a outro.

O conto de Kucinski é constituído por dezesseis mini histórias e vários núcleos, as histórias possuem tamanhos diversos, mas todas com um desfecho que não evidenciam uma solução para os problemas e situações expostas no conto. Apesar de não possuir um único núcleo no enredo, estes não irão aparecer de maneira isolada ou trabalhos de maneira individual, pelo contrário, todas as histórias possuem um elo e uma certa linearidade no que condiz ao contexto histórico das memórias, isso porque embora cada história traga uma experiência de determinada personagem, todas as situações vividas ali ocorrem de maneira singular por pessoas que passaram pelo casarão.

Apesar da existência do narrador no conto, a história é contada quase sempre pela visão dos dois amigos, sendo desenvolvida quase que inteiramente através do diálogo entre os dois, é possível perceber isso logo no início do conto:

- Você diz que foram os melhores anos da tua vida... pra mim foram os piores.
- É que eu nunca trepei tanto, nem antes nem depois.
- Foi a pílula, lembra? A bendita pílula derrubou o tabu da virgindade.
- Mas o casarão facilitava.
- E como...

Ambos riram. Haviam trombado na saída do cinema. Fazia vinte anos que não se viam. (KUCINSKI, 2014, p. 111)

Apesar de deixar algumas incógnitas no leitor logo de cara em relação a esse diálogo, a referência do autor à pílula vai nos remeter a liberdade sexual das personagens, fruto da popularização dos anticoncepcionais, um dos grandes avanços científicos da década de 60. É importante notar também em como o autor trabalha o assunto de maneira mais implícita em seu conto, conduzindo o leitor a um processo de significação e ampliando as visões ao panorama histórico-social e cultural daquela época.

É importante frisar também os diferentes efeitos e memórias narrados por cada personagem, isto porque um evidencia memórias agradáveis daquele período, enquanto o outro relembra como um dos piores momentos de sua vida. “Abraçados, entraram no primeiro boteco

com mesa, sentaram e pediram uma Original. Era uma tarde de sábado. Não tinham pressa. Puseram-se a recordar.” (KUCINSKI, 2014, p. 111). É a partir daqui que os amigos começam o trajeto de recordações: “– Você sempre filosofando, buscando a explicação sociológica. Pois eu acho que não foi a pílula coisa nenhuma, foi a merda da ditadura, não saber o que ia acontecer no dia seguinte. É como na guerra. Aproveitar enquanto está vivo” (KUCINSKI, 2014, p. 111-112).

Através desse diálogo é possível perceber dois tempos distintos presentes na narrativa: o tempo das memórias narradas (durante a ditadura civil-militar) e o tempo presente das personagens (o encontro dos amigos vinte anos após o regime militar brasileiro). Nota-se também a fragmentação presente no conto, uma vez que Kucinski oscila entre múltiplas lembranças, utilizando presente como uma condição para falar sobre o passado.

O trabalho de elaboração dos traumas vivenciados por cada personagem após um determinado tempo, está intimamente ligado a afirmação proposta por Seligmann-Silva (2005, p. 69), onde ele diz que “o distúrbio traumático é caracterizado por um longo período de latência, que pode chegar a atingir décadas”. Essa afirmação proposta por Seligmann explica o testemunho das personagens e do próprio contexto de produção da obra, isso porque a reelaboração de momentos do passado feita pelo autor se dá vinte anos após a ditadura, quando falamos do tempo da narrativa, e cinquenta anos depois, quando falamos da publicação da obra de Kucinski.

Conforme vamos lendo o conto, notamos que os dois personagens principais não são nomeados, enquanto – os ausentes – possuem seus nomes designados normalmente. O fato das outras personagens possuírem nomeação no conto faz com que se dê uma certa visibilidade aos silenciados, aos esquecidos. As experiências vivenciadas por elas são narradas por outrem, ratificando ainda mais a importância delas das demais personagens, colocando-se em uma atitude contrária ao do próprio Estado, cujo objetivo era a instauração de uma política de amnésia em relação ao momento histórico em questão.

No conto, é possível perceber que os personagens buscam por uma recuperação de memória coletiva, ou seja, tentam recuperar as lembranças traumáticas dos seus companheiros, porém, as lembranças trazidas ao longo do conto são sempre fragmentadas e sem uma linha contínua:

- Lembra do dia em que apareceu aquele casal de argentinos apavorados, o Júlio e a Vivian?
- Lembro. Eu nunca tinha visto portenhos tão calados. A maioria dos que passavam pelo casarão eram tagarelas, falavam até de intimidades que ninguém nem tinha perguntado. Mas esses dois não abriam a boca. (KUCINSKI, 2014, p. 114).

É possível perceber a continuidade na narração dos acontecimentos, isso porque assim que se narra um fato, os personagens trazem outros logo em seguida. Essa sobreposição de fatos e temas deixa evidente a pluralidade de acontecimentos envolvendo o casarão, assim as tensões do conto vão surgindo uma em cima da outra sem que exista depois um desfecho completo para todas as situações. Essa proposta do autor de apresentar uma situação e substituí-la em seguida indica uma certa dificuldade em expor as memórias traumáticas das personagens, gerando no leitor a sensação de tocar em feridas ainda em aberto mesmo após vinte anos do fim do regime militar. Essa gama de fragmentos presentes no conto nos leva a uma importante colocação: o leitor não encontra uma imagem reconhecível da história, mas sim as ruínas, traumas e destruição vivenciadas pelas personagens.

Também é possível perceber no conto outras referências diretas ao regime militar brasileiro, como por exemplo os “cinco mil soldados em Marabá” (KUCINSKI, 2014, p. 117), que fazem menção ao quartel-general instalado na cidade de Marabá (PA), em 1970, utilizado na época para combater a guerrilha do Araguaia: “Mal chegou, começou a filmar as idas e vindas de um cônsul que os caras queriam sequestrar 51 pra trocar por presos políticos” (KUCINSKI, 2014, p. 117). Tais referências postas pelo autor estabelece um compromisso ético em relação ao tratamento estético utilizado nas informações históricas.

A narrativa de Kucinski apresenta características estéticas que diferem dos contos mais tradicionais, como a presença de diversos núcleos, a falta de desfecho para inúmeras situações e a presença de personagens sem nomes, elevam o conto, a um “novo patamar narrativo”, a dita literatura de testemunho, justamente por apresentar uma estética que foge do convencionalismo. As micro histórias contadas ao longo do conto, entrelaçadas ao medo e ao trauma de cada personagem, criam um movimento dinâmico, pois as histórias são interrompidas no seu clímax, ou seja, no ponto mais alto de emoção. Acerca desse tipo de literatura, Karl Erik, aponta o trauma como um dos aspectos centrais nos relatos e nas experiências narradas pelas personagens:

Se o testemunho era caracterizado pelas marcas do trauma em seu relato subjetivo, nas falhas e sintomas de sua linguagem, a evidência forense precisa ser verbalizada e exposta discursivamente pelos especialistas científicos, e desse modo inaugura uma nova sensibilidade cultural com consequências políticas, estéticas e éticas para a significação dos objetos, principalmente os restos humanos, as ossadas e os vestígios, que se tornam capazes de “falar” e expressar o que realmente aconteceu e com quem. (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 13)

Essa significação fica clara quando os amigos lembram o fim do casarão, e conseqüentemente, lembram de uma companheira daquele período que desencadeou a depressão, sendo este mais uma conseqüência do autoritarismo e da repressão daquele período:

- Eu também lembro que a Bia, com quem eu me dava melhor, entrou em depressão porque o pai reacionário continuou se recusando a falar com ela, mesmo depois de quase dois anos da sua volta do Chile. Muitas vezes flagrei a Bia chorando no quatinho de empregada.
- Ela não se internou?
- Isso foi depois, quando ela recebeu uma notícia ruim sobre uma amiga dela que tinha ficado no Chile. A mãe e um dos irmãos da Bia foram ao casarão e levaram ela embora. Depois disso, o Zé Eduardo decidiu entregar a chave da casa.
- Coincidiu com a decretação da anistia. Outros tempos, fim de uma era. (KUCINSKI, 2014, p. 122-123)

Ao citarem a declaração de anistia, e posteriormente, o “fim do casarão”, a personagem cria no leitor a sensação de alívio e sossego, mesmo com o sentimento de incompletude em relação à justiça pelas milhares de vítimas daquele regime de exceção. Marcadas principalmente pelo medo e pela loucura, as lembranças das personagens deixam claro que, mesmo após vinte anos de todo o ocorrido, a ditadura deixou marcas e traumas carregados pelo resto da vida.

É importante notar a ironia que permeia os diálogos e as lembranças trazidas pelas duas personagens, principalmente após do diálogo do trecho explicitado acima. Ao comentarem do fim do casarão, as personagens comentam as mudanças sofridas ali, principalmente após a construção de uma agência de propaganda no local onde foi palco de movimentos contra o regime militar. A agência em questão pode ser facilmente sugerida como uma representação a MPM Propaganda, utilizada a serviço do regime militar entre as décadas de 1970 e 1980:

- Você sabe que outro dia, por acaso, eu passei em frente ao casarão?
- Não diga.
- Na verdade eu estava na avenida de cima, mas resolvi dar uma esticada até a alameda. Adivinha o que tem lá agora?
- Não faço ideia.
- Uma baita agência de propaganda. O jardim está todo aparado e florido. Bem diferente do matagal do nosso tempo, as paredes pintadas de acrílico. (KUCINSKI, 2014, p. 124)

É curioso como um mesmo espaço pode ser palco de situações tão diferentes, conforme o momento histórico. Essa ocorrência de acontecimentos supracitados mostra que o período dominado pelo regime militar deixou sequelas irreversíveis nas vítimas, seguido de um falso sentimento de superação, ou seja, não existe uma superação por completa de tal experiência. O passado condiciona insistentemente o presente das vítimas. Isso fica mais evidente quando falamos da brevidade dos diversos assuntos, sempre deixados em aberto, e pela variedade de temas trazidos pelas personagens ao longo do conto. Entrando nas linhas finais do conto, o personagem vai retomar o assunto que deu início as recordações daquele período:

- De tudo o que aconteceu no casarão, o que ficou mais fundo na minha memória foi o Jair sair dizendo que ia comprar cigarros e nunca mais voltar.
- Nunca soubemos o que aconteceu.
- Nada?

— Nada Os dois suspiram e parecem não ter mais o que dizer. Bebem aos poucos o resto da quarta Original. Pedem a conta e racham as despesas. Tudo devagar: estão meio inebriados (KUCINSKI, 2014, p. 125).

A partir desse diálogo o leitor percebe com mais clareza que o regime ditatorial não deixou marcas somente na vida da vítima, mas também de pessoas com as quais se convivia. Isso só fica mais evidente em um trecho da fala da própria personagem: “o que ficou mais fundo na minha memória foi o Jair sair dizendo que ia comprar cigarros e nunca mais voltar”. Seguido de uma fala do próprio narrador, onde ele diz que “os dois suspiram e parecem não ter mais o que dizer” (KUCINSKI, 2014, p. 125), remetendo a representação da dor sentida pelo outro, o suspiro representando aquilo que não pode se narrar, ou também, inferir uma sensação de alívio das personagens por terem a oportunidade de expelir a angústia que guardam durante tantos anos.

Conseguimos enxergar na narrativa de Kucinski um emaranhado de lembranças fragmentadas, que juntas, formam uma gama de emoções, medos e denúncias. Existe uma certa necessidade em narrar o ocorrido, tendo em vista que, mesmo antes de finalizar uma história, já começa a narração de outra e assim sucessivamente. Segundo a pesquisadora Eurídice Figueiredo (2017, p. 143), "o estilo do autor, enxuto e fragmentário, atinge a emoção do leitor sem apelar para o melodramático, pelo contrário, ele usa da ironia e do despojamento da linguagem para criar o ambiente absurdo". Essa atitude demonstra que as personagens ainda se encontram presas àquele período, ou seja, vivem com o fantasma da ditadura civil-militar no tempo presente. Uma eterna “ferida-aberta”.

Importa destacar que, nesse sentido, a obra de Bernardo Kucinski, dado sua narrativa fragmentada, conseguiu escapar ao denunciismo de tom jornalístico e referencial que dominou a maior parte da produção literária do período. Flora Sussekind, ao estudar as estratégias formais da literatura dos anos 1970, observa que muitos autores minimizaram os efeitos do trabalho com a linguagem e enfatizaram a referencialidade à realidade política e social, recaindo por vezes em uma “síndrome da prisão”:

E o que caracteriza essa síndrome? Como é frequente nas celas das prisões, ora gritos de rebeldia, como os da "arte de protesto"; ora sussurros medrosos como nas alusões e parábolas. Ora a tentativa quase sempre difícil de estabelecer contato com o maior número possível de "prisoneiros", mesmo que para isso se tivessem que ressuscitar naturalismos e dicções oratórias; ora o autocentramento, que nem sempre é sinônimo de qualidade literária, a "solitária", uma literatura de mão única cujo trajeto obrigatório é pelo próprio ego. Estas as duas trilhas que, de certa maneira, aprisionam a literatura brasileira dos últimos anos: de um lado, o naturalismo evidente dos romances-reportagens ou disfarçado das parábolas e narrativas fantásticas; de outro, "a literatura do eu" dos depoimentos, das memórias, da poesia biográfico-geracional. (SUSSEKIND, 1985, p. 61)

A literatura de Kucinski, atua aqui, como uma espécie de “válvula de escape”, como uma maneira de dar voz as dores e aos traumas que assombram a sociedade ainda nos dias de hoje. Tomando de empréstimo as palavras de Ginzburg (2013), onde ressalta a importância da literatura como arquivo da ditadura: “O acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia, o torpor, de um modo importante. Textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos” (GINZBURG, 2013, p. 178).

Nota-se que o autor se preocupou em não nomear as partes envolvidas, aparentemente para que não houvesse retaliação sobre eles. Sobre uma outra perspectiva fica claro que a narrativa testemunhal serve para dar veracidade aos fatos. No caso das condutas da ditadura, que em muitos casos feriam o direito humano, ela foi bastante para desmentir notas oficiais de militares. No tocante fica claro que o intuito do autor foi revelar através de testemunhas a crueldade do autoritarismo vivido na ditadura militar, a fim de dar voz a aqueles que se viram violados fisicamente, psicologicamente pelo regime instituído na ocasião.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho foi possível perceber que a temática das “perversões” do Estado brasileiro não é um simples fenômeno passageiro, muito pelo contrário, tem raízes profundas e implicações que não se desfazem por novos discursos democráticos ou progressistas em busca de novidades institucionais. A explicitação de tais dados não implica aceitar que o Brasil padece de um estigma autoritário congênito irreversível, significa apenas que nosso passado, e suas consequências presentes, têm que ser reconhecidos para que se tenha chance de encontrar instrumentos eficazes de mitigação de seus efeitos pernósticos.

“Recordações do Casarão” traz à tona toda a memória e denúncia do regime militar, possui a preocupação em manter uma temática social e um texto participante, em que o principal objetivo era criticar e denunciar. Na literatura de Kucinski, verificamos a crítica ao regime político em vigor e ao estado em que o país se encontrava, descrita através dos sentimentos dos indivíduos, que mesmo em um período tão obscuro deixam transparecer um vestígio de esperança.

Bernardo Kucinski teve a preocupação de dar mais destaque aos abusos físicos cometidos pelos militares, de forma mais direta e com uma linguagem mais popular, sem se preocupar tanto com estilos formais, pois seus autores, em sua maioria, eram estudantes militantes que

vivenciaram o exílio e a prisão nos porões da ditadura. Sendo assim, a literatura em tempo autoritário serviu como instrumento de luta contra o regime ditatorial, mas ao invés da força bruta, usava a força intelectual, pois era uma das únicas formas de enganar a censura, e como contribuição, hoje podemos, através dela, conhecer a verdade nua e crua de um dos períodos mais negros de nossa história.

A obra do autor também procurou dar mais destaque aos abusos físicos cometidos pelos militares, de forma mais direta e com uma linguagem mais popular, sem se preocupar tanto com estilos formais, pois seus autores, em sua maioria, eram estudantes militantes que vivenciaram o exílio e a prisão nos porões da ditadura. A linguagem utilizada por Kucinski contribuiu, portanto, para a narração de um dos momentos mais caóticos da história brasileira, auxiliando o leitor a analisar e refletir acerca da memória da ditadura civil-militar, apresentando na visão mais ampla e acentuando as incertezas que permeiam esse período até os dias de hoje.

Referências

AMARAL, Azevedo. *O estado autoritário e a realidade nacional*. Ed. J. Olympio. Rio de Janeiro. 2018.

DE CASTRO GOMES, Ângela. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: Oliveira Viana, Francisco Campos, Azevedo Amaral e a Construção do Mito Vargas. *Estudios Sociales*. Revista Universitaria Semestral, v. 33, n. 1, p. 101-122, 2007.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim: e outros contos*. Editora Cosac Naify, 2014.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil Contemporâneo*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro*. 3ª edição revista e ampliada. Editora Campus, 2018. Rio de Janeiro.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: Polêmicas, Diários & Retratos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SÜSSEKIND, Flora. Retratos & egos. In. SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: Polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.42-87.

VIDAL, Paloma. Literatura e ditadura: alguns recortes. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3551/3551.PDF>. Acesso em 13 jul. 2020.

Recebido em 22 de maio de 2021

Aceito em 18 de outubro de 2021